

O MÉDICO DR. ARISTIDES DE MELLO E SOUZA

Rodrigo Rossi Falconi*

Resumo: *A vida e a obra do médico Aristides de Mello e Souza e sua atuação nos Serviços Termiais de Poços de Caldas.*

Abstract: *Life and work of the physician Aristides de Mello e Souza and his actuation in Poços de Caldas' Thermal Services.*

1. Origem

Aristides Cândido de Mello e Souza, que poucas vezes usou o nome completo, nasceu em 20 de setembro de 1885, na Fazenda da Prata, situada em terras da freguesia de Santa Rita de Cássia, distrito do município de Passos, na então Província de Minas Gerais, Império do Brasil.

Esta fazenda, propriedade de seu pai, e antes de seu avô, fora desmembrada de uma enorme gleba comprada de sociedade, pouco depois de 1850, por Jerônimo Pereira de Mello e Souza, futuro Barão de Passos, seu irmão João Cândido de Mello e Souza, futuro Barão de Cambuí, o cunhado deste, Domingos Pimenta de Abreu (todos residentes em Passos) e Manuel Pinto dos Reis.

A região fronteira com o Estado de São Paulo, onde se situa atual cidade de Cássia, foi descoberta em meados do XVIII. Em 1844, os fazendeiros Manuel Lourenço da Cunha, José Diogo Carrijo da Cunha, João Batista da Cunha e Roque Portes Vieira doaram uma gleba de 18 hectares de terras para a formação do patrimônio de Santa Rita de Cássia. Em 1866, o povoado se tornou freguesia e, em 1890, vila e município, desmembrado do de Passos. Em 1892, ganhou a categoria de cidade.

O pai de Aristides foi Antonio Cândido de Mello e Souza, fazendeiro nascido na cidade de Passos, em 1º de novembro de 1851, falecido em Cássia, em 25 de setembro de 1921, e filho de João Cândido de Mello e Souza, Barão de

-
- Médico, membro-fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina e membro da Academia de Letras de São João da Boa Vista.

Cambuí (1820-1899), e de Matilde Pimenta de Abreu, Baronesa de Cambuí (1827-1889).

A mãe de Aristides, primeira mulher e prima do marido, Blandina Esmeraldina da Silveira Mello, nascida em Passos, falecida em Cássia (1860-1891), era filha de Urias Antonio da Silveira (1819-1871) e sua segunda mulher, Maria Ubaldina de Mello e Souza (1832-1920), irmã caçula do Barão de Cambuí.

2. Formação

Aristides de Mello e Souza aprendeu as primeiras letras numa escola primária de Santa Rita de Cássia, com um professor que formou muitas gerações, Cornélio Alves de Souza, que acabou diretor do Grupo Escola “Melo Viana”.

Em janeiro de 1897, aos onze anos de idade, seu pai resolveu que ele deveria aprimorar seus estudos, e levou-o juntamente com o irmão Urbano e com o primo José Pimenta de Abreu, para o Colégio Uberabense, cuja fama propagou-se por toda a região. Eram três dias de viagem, inicialmente a cavalo até Franca, com um descanso de um dia no caminho, antes de embarcar no trem da Companhia Mogiana que conduzia à cidade mineira.

O colégio Uberabense foi criado em julho de 1889 pelo Professor Paulo Frederico Barhtes e ocupou as antigas instalações do Liceu Uberabense, criado em 1877, pelo professor Dr. César Ribeiro, e que teve vida curta. Nos últimos anos de sua existência, o colégio Uberabense foi dirigido pelo Professor dr. Augusto Ferreira Reis que construiu um vasto prédio no Alto das Mercês onde mais tarde se ergueu o Colégio Diocesano, que teve como primeiro reitor o irmão Gondulfo, o qual, acompanhado de vários professores, deu início aos trabalhos educacionais na cidade.

Embora o colégio fosse famoso, não agradou a Aristides, pois, como contava aos filhos, não só havia professores brutais, como a higiene era precária e a comida intragável, levando ele e outros a aproveitarem a hora do recreio para irem comer num rancho vizinho, por alguns trocados, a comida preparada por uma família de caboclos. Contra a violência dos colegas maiores era protegido pelo irmão.

Os professores eram na maioria padres seculares brasileiros, mas havia dois frades dominicanos franceses que estavam iniciando a evangelização dos índios pela sua Ordem e, naquele momento, ensinavam no Colégio. Um deles, frei Rosário Melizan, apegou-se a ele e, vendo o seu gosto pelo estudo, passou a ensinar-lhe a língua francesa.

Em dezembro daquele ano, nas férias, os irmãos relataram ao pai como era o colégio e Urbano teve uma frase infeliz, dizendo que para lá não voltaria. Ferido na sua autoridade, o pai disse com aspereza que quem resolvia era ele e sentenciou: “Ou voltam para o colégio de Uberaba ou ficam na fazenda”.

Urbano disse que preferia ficar na fazenda e o pai pediu, então, a decisão de Aristides.

Como contava aos filhos, este pensou num segundo que, se voltasse não teria o irmão para protegê-lo e recairia naquela brutalidade e desconforto. Mas, se ficasse na fazenda, não poderia estudar medicina, como era o sonho de sua mãe.

Disse, então, que voltava e retornou ao colégio em 1898, estudando com aplicação, contando sempre com a ajuda do bom frei Rosário.

No final daquele ano, ao retornar para férias, o pai lhe disse que, tendo sido um filho obediente, com senso do dever, poderia escolher qualquer colégio do país para continuar seus estudos.

Aristides de Mello e Souza sabia que existia na cidade paulista de Jacareí um famoso colégio, do educador Lamartine Delamare Nogueira da Gama, equiparado ao Colégio “Pedro II”, no Rio de Janeiro, que conferia o grau em bacharel em Ciências e Letras, e onde estudava a elite paulista e mineira.

O Professor Lamartine Delamare era formado em Direito e dedicou-se a vida inteira ao magistério, tendo fundado o Colégio “Delamare” em São Paulo, que conquistou respeitável reputação nos meios educacionais. Em 1893, transferiu a escola para Jacareí, inaugurada em 23 de julho daquele ano, com o nome de Colégio “Nogueira da Gama” e, durante mais de vinte anos, destacou-se como modelo de ensino no país, tendo sido, em 1899, o primeiro colégio no estado de São Paulo a ser equiparado ao Ginásio Nacional (“Pedro II”). Em 1920, esse Ginásio foi transferido para Guaratinguetá, mantendo a qualidade que fez sua fama, formando gerações de brasileiros.

Aristides de Mello e Souza permaneceu neste estabelecimento, como interno nos anos de 1899 e 1900, continuando a escrever em francês para o Frei Rosário, que devolvia as cartas corrigidas com letras de tinta roxa.

Em Jacareí, ficou sabendo que em Campinas havia um excelente colégio do Estado, cujos professores eram recrutados por concurso e formavam congregação.

Seu pai manteve a promessa e permitiu que ele se transferisse para a cidade paulista, onde se tornou aluno do Colégio “Culto à Ciência” e, como não havia internato, passou a residir em uma pensão, na rua Barão de Itapura.

A equiparação do Ginásio de Campinas ao Ginásio Nacional, de modo que seus diplomas passavam a permitir o acesso a qualquer academia superior do

país, foi estabelecido pelo Decreto número 3928, de 16 de fevereiro de 1901, do Ministério dos Negócios do Interior e da União.

O Dr. Jorge de Miranda, nomeado em 7 de janeiro de 1901 para o cargo de Diretor, tomou posse a 10 do referido mês. Embora tenha permanecido pouco tempo na instituição, uma vez que se exonerou em 1º de outubro do ano seguinte, para ocupar o cargo de Procurador Geral do Estado, fez uma administração exemplar, deixando uma marca na história do estabelecimento. Para a direção interina do Ginásio foi nomeado o lente Dr. Francisco de Paula Magalhães Gomes, que permaneceu até 19 de fevereiro de 1903.

Na cidade progressista e civilizada, com bibliotecas, cujo famoso Colégio do Estado, era uma espécie de “pequena Academia”, a vida de Aristides transformou-se, sempre orientado por brilhantes mestres.

Esteve sempre nos primeiros lugares, figurando no quinto ano entre os “Estudantes Distintos”, categoria criada então para galardoar os que obtivessem as maiores notas.

Entre os professores, que marcaram sua formação cultural, destacavam-se: o escritor Coelho Neto (Literatura), Basílio de Magalhães (História do Brasil), André Pérez y Marin (Aritmética e Álgebra), César Bierrenbach (História da Civilização), entre outros.

Aristides de Mello e Souza ingressou na vida intelectual campineira, passando a frequentar o Centro de Ciências, Letras e Artes, fazendo discursos e escrevendo em jornais estudantis.

No dia 18 de setembro de 1903, o inventor Santos Dumont chegou a Campinas, trazido por um trem da Ferrovia Paulista, tendo a Prefeitura decretado feriado municipal. Mesmo antes de realizar o primeiro vôo da história da humanidade com aparelho mais pesado que o ar, já era uma celebridade, após descobrir a dirigibilidade dos balões. Cercado por autoridades e pela banda da União Operária, o inventor desceu a Rua 13 de Maio, seguiu pela Conceição e dobrou a rua Barão de Jaguará, rumo ao marco zero da cidade, onde colocou a pedra fundamental do monumento-túmulo ao maestro Carlos Gomes. No caminho, parou para almoçar no casarão do Barão de Ataliba Nogueira, recebeu homenagens do Clube Campineiro e ouviu tocar a orquestra ítalo-brasileira.

Posteriormente, Santos Dumont visitou o Colégio “Culto à Ciência”, onde estudou de 1883 a 1885, e neste local de grandes recordações, as moças da cidade ofereceram-lhe uma bandeira nacional de seda, para ser utilizada na sua próxima aeronave, que foi o “Santos Dumont 10”. O herói nacional impressionou a todos, dando um salto atlético por sobre uma mesa, desfraldando o símbolo pátrio, tendo falado na ocasião o aluno Aristides de Mello, que foi escolhido pelos colegas.

O período de 1901 a 1903 foi muito importante na vida do jovem estudante, uma fase de grande felicidade, tendo freqüentado a sociedade de Campinas, principalmente a residência do Barão Geraldo Rezende, sendo sempre bem recebido pela família do ilustre patriarca.

Em alguns momentos, entusiasmado pelo professor de História, o grande orador César Bierrenbach, o estudante Aristides de Mello chegou a pensar em estudar Direito, mas não se afastou do sonho de sua mãe, e manteve o desejo de ingressar na Faculdade de Medicina.

Também em Campinas, começou a formar sua biblioteca, sendo um freqüentador assíduo da excelente livraria “Casa Genoud”, onde adquiriu uma grande quantidade de volumes, já que seu pai nunca negava dinheiro para os livros.

Quando estava no sexto ano, e prestes a obter o grau de Bacharel em Ciências e Letras, o que lhe permitiria ingressar sem vestibular em qualquer faculdade, adoeceu-se tendo que se recolher à fazenda paterna.

Após sua plena recuperação, Aristides mudou-se para São Paulo, passando a residir na rua Vergueiro, e dando início ao chamado sistema parcelado, onde um aluno após os estudos, dirigia-se a uma banca oficial e prestava os exames necessários ao ingresso nas Faculdades do país.

Tendo estudado com professores particulares as matérias do sexto ano, requereu os exames no curso anexo da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e foi aprovado em todas as matérias.

Em 1905, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na tradicional Faculdade de Medicina, então localizada no prédio do Recolhimento das Órfãs, vizinho da Santa Casa de Misericórdia.

Também no Rio de Janeiro continuou a escrever em francês para o amigo de Uberaba, Frei Rosário, que no segundo ano parou de devolvê-las, uma vez que não havia mais erros para serem corrigidos. Manteve a amizade com o religioso, até que o mesmo se internou no Estado de Goiás.

Estudante destacado (o segundo da turma), participou ativamente na política acadêmica, ao lado dos colegas de Direito e Engenharia, que formavam então com os de Medicina um grêmio único, o Diretório Acadêmico, do qual foi vice-presidente. Em 1909, integrou a embaixada estudantil que foi em caráter oficial ao Uruguai por delegação do Itamarati. Em Montevidéu, teve um momento de êxito e fez, pela sua atuação, relações que perduraram.

Quando estava no terceiro ano do curso médico, Aristides passou algum tempo em Poços de Caldas, Minas Gerais, onde morava um parente seu que era amigo de Miguel Pereira, para o qual Aristides lhe pediu uma carta de recomendação. Com ela nas mãos, procurou o destinatário, que se afeiçoou a ele e teria papel decisivo na sua vida.

Miguel da Silva Pereira nasceu em São José do Barreiro, São Paulo, em 1871 e, depois de concluir seus estudos no Colégio “Pedro II”, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde, após defender a tese “Hematologia tropical”, formou-se em 1897, mesmo ano em que apresentou a memória “Anemia tropical”, com a qual foi aceito como membro da Academia Nacional de Medicina, onde foi presidente, entre 1910 e 1912.

No mesmo ano de 1907, Miguel Pereira se inscreveu para o concurso de professor substituto da 6ª Secção, Clínica Médica, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Precisando de um auxiliar para ajudá-lo no preparo, chamou Aristides de Mello e Souza, que ficava em silêncio de plantão no seu escritório, a fim de localizar nas estantes e abrir na página certa os livros cujo título Miguel Pereira ia escrevendo em tiras de papel, que sua mulher passava ao estudante. Miguel Pereira venceu o concurso e, em 1908, foi chamado para reger a cadeira de Patologia Médica, transferindo-se em 1909 para a 1ª Cadeira de Clínica Médica, vaga pela morte de seu titular, Pedro de Almeida Magalhães.

Naquele ano, Aristides de Mello passou para o sexto ano e foi convidado, juntamente com um jovem de Campinas, chamado Mazzini Bueno, para ser interno do professor Miguel Pereira que era paulista e gostava de ter ao seu lado conterrâneos da terra bandeirante.

Em 1910, o ministro do Interior Rivadávia Correia promoveu uma reforma do ensino médico sob inspiração positivista, suscitando revolta por parte da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ante certas medidas que redundavam em facilitar excessivamente o curso e desprestigiar a profissão. A congregação se opôs ao diretor, que esposava a reforma, e Miguel Pereira, sempre combativo e franco, destacou-se pela veemência nas críticas junto com o colega Augusto Brandão. Por isso, ambos foram suspensos por seis meses, mas recorreram à justiça e tiveram ganho de causa, voltando triunfalmente aos seus cargos.

Aristides de Mello ficou ao lado do mestre e foi demitido do cargo de interno, ao qual voltou quando este reassumiu a cadeira. Por esta razão, defendeu sua tese com atraso e não participou da formatura solene, colando grau na secretaria.

No dia 1º de março de 1911, apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a sua tese de Doutorado intitulada “Novos signaes das hemiplegias organicas”, cadeira propedêutica, com três proposições sobre cada uma das cadeiras do Curso de Ciências Médicas e Cirúrgicas, que foi aprovada com distinção, tendo obtido nota 10.

No Prefácio de sua Tese, o Dr. Aristides de Mello e Souza escreveu:

Aos que lerem este trabalho ocorrerá possivelmente uma impressão de deficiência que, entretanto, plenamente se justifica. Não quis ao escrevê-lo transportar para as suas páginas a sùmula do que sobre o assunto se haja

publicado e sim o resultado puro e simples que se me afigurou poder induzir dos casos que cuidadosamente observei. Não foram muitos e são talvez insuficientes para, por si sós, autorizarem uma apreciação definitiva sobre o valor clínico de qualquer dos sinais aqui tratados. Assim mesmo, porém, se procede em toda parte, sem que por tal motivo se desmereçam estes estudos, que reunidas uns aos outros permitem o estabelecimento de uma segura conclusão prática.

Do sinal de Hoover bem como o de Grasset e Gausset não me ocupei por serem estes consagrados já pela prática enquanto que em estudos se acham ainda os outros.

Tendo sido escrito um pouco apressadamente, por motivo que não importa referir, não se sacrificou o seu valor prático, pois o seu estudo meditado estava já acabado e nada mais fiz do que lhe dar uma concisa expressão escrita.

Nesta página coloco a minha gratidão ao meu bom Pai, que tudo me deu e nenhum conforto me furtou durante todo o meu curso, e ao meu grande mestre, professor Miguel Pereira, a quem devo todo este início da minha formação clínica. Com este aprendi tudo o que sei de medicina prática e jamais me passará da mente o brilho, o majestoso encadeamento das idéias, o descortino amplo e claro, a segurança e o vigor com que defrontava um caso clínico e lhe comunicava à explanação aquela facilidade cristalina a que reduzia de pronto, em alguns minutos de fluente e amena palestra, o mais complicado problema de clínica médica.

Seu último ano de Faculdade foi muito intenso, uma vez que, segundo ele sempre fez questão de destacar, sua tese não foi simplesmente improvisada, e sim foi fruto de muito trabalho, com observação e estudo.

Somando-se a isto, estava o trabalho de interno na enfermaria, preparando os pacientes e suas respectivas papeletas, o que o deixou fatigado e muito fraco.

Mesmo depois de concluída sua formação, continuou como assistente voluntário na enfermaria de Miguel Pereira, que lhe sugeriu que ficasse um ano parado, para se recuperar, mas não permanecendo no Rio de Janeiro, e sim na Europa, em um sanatório da Suíça, em Davos, estendendo para a França, onde poderia estudar.

Aristides tinha o sonho de realizar um curso aprofundado de Obstetrícia para combater a infecção puerperal, que em sua terra natal era uma calamidade, que atingiu sua mãe e as duas irmãs mais velhas.

Procurou o pai e pediu que o mesmo lhe entregasse sua parte na herança da mãe, recebendo, então, terras que vendeu a um tio.

Com o dinheiro obtido na transação, em dezembro de 1911, partiu para a Suíça, onde permaneceu por seis meses, quando dirigiu-se a Paris, a fim de ampliar seus conhecimentos, em cursos de aperfeiçoamento, retornando ao Brasil em fins de 1912.

Pouco antes de viajar, tinha ficado noivo de Clarisse de Carvalho Tolentino, cunhada de Miguel Pereira, em cuja casa a conhecera.

3. Início da atividade profissional

Retornando para o Brasil, Aristides de Mello estava em difícil condição financeira e, deste modo, não poderia casar. Foi quando pensou em clinicar na cidade de Jaboticabal, interior de São Paulo, onde residia seu tio e padrinho, o dr. Urias Antonio da Silveira (sobrinho), casado com uma prima, Mariana da Silveira Mello, irmã de sua mãe.

Este médico nasceu no Turvo, Minas Gerais, em 1848, e se formou no Rio de Janeiro, em 1872, com a tese de doutoramento “Do diagnóstico e tratamento das dispepsias. Descrição, ação fisiológica e terapêutica da pepsina e proteína, modos de administrar e dosar”, tendo sido clínico em Passos, Barra Mansa e, finalmente, Jaboticabal, onde morreu em 1915.

Entre as obras de medicina para uso dos leigos, que foram publicadas no Brasil no século XIX, além do “Dicionário de Medicina Popular”, do Dr. Pedro Luis Napoleão Chernoviz, estava o “Formulário de terapêutica brasileira ou o Tesouro do médico prático, contendo Medicina, Cirurgia e Higiene; costumes e leis; climas, geologia, topografia, flora, fauna e patologia das Províncias do Brasil; importantíssimos métodos de tratamento e a possível curabilidade de todas as moléstias; inúmeras fórmulas magistrais e oficiais etc.”, impresso em Barra Mansa, Rio de Janeiro, em dois volumes (1888-1889), bem como o livro “A doença e o médico ou diagnóstico, prognóstico e tratamento de todas as moléstias médicas e cirúrgicas do quadro nosológico brasileiro. Tratamento profilático e cirúrgico de todas as moléstias das crianças”, impresso no Rio de Janeiro, em 1889, ambos do Dr. Urias Antonio da Silveira, que também publicou outros livros de medicina e um de história política: “Galeria Histórica dos Heróis da Revolução Brasileira”.

Seu tio disse-lhe que Jaboticabal não era uma boa cidade para ele se instalar, e sim a vizinha Bebedouro, em franco crescimento, onde trabalhava seu filho farmacêutico.

Dr. Aristides não aceitou a sugestão do tio e, após pensar em fixar-se na região de Barretos, também em São Paulo, em 1913, instalou-se na cidade de

Araguari, em Minas Gerais, na fronteira com o Estado de Goiás, onde permaneceu por dois anos trabalhando como clínico geral, atendendo a todo tipo de enfermidade.

Não satisfeito com a vida no interior mineiro, escreveu uma carta para Oswaldo Cruz dizendo que desejava fazer o chamado curso grande do Instituto de Manguinhos (hoje Instituto Oswaldo Cruz), com duração de um ano, dedicado aos médicos, diferente do pequeno, para aos estudantes. O ilustre médico respondeu-lhe dando as indicações necessárias para passar no concurso.

Em princípios de 1915, Dr. Aristides de Mello e Souza voltou a residir no Rio de Janeiro, onde o mestre Dr. Miguel Pereira já havia feito fama, tendo comprado um automóvel (um luxo para a época) e um grande palacete na rua Bambina, número 98, esquina com a rua Assunção (atual Marechal Niemeyer). Além disso, montou consultório na rua da Assembléia e passou para o discípulo o antigo local de atendimento, na Praia de Botafogo, em cima da farmácia “Orlando Rangel”, esquina da rua Voluntários da Pátria.

O novel facultativo permaneceu trabalhando e estudando de forma incessante em Manguinhos, com vistas à aprovação em concurso público. Para dirigir-se ao Instituto, no trem de subúrbio, quase sempre com o colega Dr. Aristides Cruz, que descobriu a vacina para a “batedeira dos porcos”, e que ia lendo livros de Nietzsche e Bergson, que ele passou a ler e se tornaram leituras pelas quais se apaixonou.

Terminando o curso em Manguinhos, prestou, em 1916, o concurso para Bacteriologista da Saúde Pública, com concorrentes muito bem preparados e, tendo obtido o primeiro lugar, foi nomeado para a única vaga, com ordenado de quinhentos mil réis por mês.

Tornou-se um clínico geral de formação sólida, amparada pelo rigoroso estágio de Manguinhos, que apurou o seu espírito científico.

Muitos anos depois, nos anos de 1930, o Dr. Alcebíades Delamare publicou em *O Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, um artigo onde, falando de Aristides de Mello e Souza, deu uma informação que para este foi surpresa: depois da morte de Oswaldo Cruz, encontraram entre os seus papéis uma lista de jovens médicos que considerava capazes de prosseguir na obra científica encetada em Manguinhos, e um deles era Aristides de Mello e Souza.

No início de 1917, Dr. Aristides casou com Clarisse de Carvalho Tolentino e passou a residir próximo a seu consultório em Botafogo, e foi neste local onde, depois de um ano e meio, nasceu Antonio Cândido, o primeiro filho do casal.

Pouco tempo depois, em setembro de 1918, surgiu a epidemia de “gripe espanhola”, tendo Aristides de Mello se dedicado de forma exemplar aos doen-

tes acometidos pelo terrível mal, correndo risco de se contaminar e de contaminar a família, esposa e filho. Felizmente, contudo, ninguém se contaminou.

Acabada a epidemia, o governo votou uma verba para dar uma remuneração aos médicos que trabalharam de graça durante os terríveis dias que marcaram o país e o mundo. Aristides recusou dizendo que havia feito o trabalho movido pelo seu dever de médico, por sentimentos humanitários, e se recebesse a verba passaria tudo a ser um mero serviço profissional.

Ainda naquele ano de 1918, em dezembro, outro fato marcou para sempre sua vida, com o precoce falecimento de seu mestre e amigo Dr. Miguel Pereira, na estação climática da Estiva, hoje Miguel Pereira, Estado do Rio de Janeiro.

O grande médico paulista havia publicado trabalhos sobre “Ancilostomose” (1895), “Sífilis” (1899), “Abscesso tropical” (1910) e “Atrofias musculares” (1913), mas antes de morrer, desiludido, queimou os originais das “Lições de clínica médica”, ao descobrir que era portador de uma doença incurável, a neoplasia de mediastino.

Aristides de Mello e Souza fechou os olhos do mestre e amigo, autor da famosa afirmação: “O Brasil é ainda um imenso hospital”, que provocou grande polêmica, originando campanhas em favor da sanitização e da saúde pública, sobretudo no meio rural.

Sofrendo com certa freqüência de enxaquecas patológicas, que o obrigavam a ficar quase o dia todo deitado sem se mover, no escuro, isolado de todos, Aristides de Mello, que era de constituição delicada, estava desapontado com a clínica incipiente, que não se formava da maneira adequada, o que, associado à perda do mestre, levou-o a se transferir para sua terra natal, em busca de melhores climas e de melhor oportunidade profissional.

Pediu licença da Saúde Pública e foi clinicar, em março de 1919, em Santa Rita de Cássia, mas sua esposa ficou grávida novamente, o que os obrigou a retornar ao Rio de Janeiro, em maio de 1920.

Neste momento, foram para a rua Bambina, número 82, para a casa onde havia morado sua sogra. Neste local nasceu em junho de 1920, Miguel, o segundo filho do casal, e, logo após seu nascimento, Dona Clarice engravidou do terceiro e último filho, Roberto, que nasceu em outubro de 1921, pouco tempo depois do falecimento do patriarca da família, Antonio Cândido de Mello e Souza, em Cássia, no dia 25 de setembro daquele ano.

Seu pai deixou uma situação financeira muito ruim, devida à crise do gado o que, associado ao fato de Aristides de Mello e Souza não conseguir se estabilizar no Rio de Janeiro, levou-o a se afastar novamente da Saúde Pública, solicitando licença sem remuneração, e se dirigir mais uma vez à sua terra natal, no início de 1922.

Pretendia fixar-se em Cássia, atendendo aos pacientes, formando uma sólida clínica, explorando sua fazenda, ajudando a família a pagar as dívidas do pai e melhorando a saúde. Quando os filhos precisassem de curso secundário, ele voltaria para o Rio de Janeiro, onde sonhava fazer concurso para professor de Clínica Médica na Faculdade de Medicina, uma vez que nunca deixou de estudar e escrever, sempre adquirindo livros e revistas, sobretudo em francês. Era seu desejo, ainda, que todos os filhos fossem alunos do Colégio “Pedro II” e depois estudassem medicina.

4. Poços de Caldas

Em 1928, o então Presidente de Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, decidido a explorar diretamente os serviços termais de Poços de Caldas, confiou a transformação da cidade ao médico Dr. Carlos Pinheiro Chagas, professor de Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e cientista também ligado a Manguinhos.

Além disso, convidou o Dr. Aristides de Mello e Souza para assumir a direção dos Serviços Termais da cidade mineira que estava sendo inteiramente transformada por meio de obras monumentais, tudo para tornar-se a primeira grande estância balneária moderna do Brasil, com equipamento equivalente ao das melhores do mundo.

Segundo escreveu o Dr. Aristides de Mello e Souza a respeito do ilustre político mineiro:

A sua inteligência longividente e ativa percebeu o que significam as águas minerais para a saúde e para o desenvolvimento econômico e social.

Era Poços de Caldas a mais procurada das estâncias hidro-minerais do Brasil; porém, dotada de aparelhamento balnear e urbano inteiramente obsoleto.

Urgia transformar tão lastimável situação; e assim resolveu o grande Presidente mineiro.

O seu plano, que se pode arvorar em modelo a seguir-se relativamente a outras estâncias nacionais, compreendia estabelecimentos termais modernos, recaptação das fontes, Palace Hotel, Cassino, força e luz elétricas, pavimentação da cidade, abastecimento de água, rede de esgotos, estradas de rodagem, parques, jardins, e outros serviços urbanos. Programa que materializa uma concepção: estação de águas não é lugar onde apenas se segue uma norma rígida de cura física associada ou não à terapêutica química; é, também, recanto de vilegiatura, onde o bálsamo do ambiente infiltra na alma e no corpo o sublime reconforto, que reanima os fatigados da vida moderna.

A organização do grandioso plano de transformação de Poços de Caldas confiou-a ele a um corpo de técnicos dos mais competentes em suas respectivas especialidades, sob a direção imediata de Carlos Pinheiro Chagas, nomeado Superintendente e Prefeito, com amplos poderes administrativos.

Após aceitar o convite, Aristides de Mello e Souza foi contratado por seis anos, o primeiro dos quais deveria passar na Europa, estudando a organização termal das grandes estâncias hidrominerais e seguindo cursos de aperfeiçoamento em Hidrologia, Fisioterapia e Reumatologia. Foi o que ele fez de novembro de 1928 a novembro de 1929, estudando em Paris (onde foi aluno da ilustre Madame Curie) e a seguir em Berlim, tendo visitado diversas estâncias não somente na França e Alemanha, como também na Tchecoslováquia e Itália.

Em janeiro de 1930, instalou-se com a família em Poços de Caldas, cujas Termas ainda estavam por terminar. Ele dirigiu a instalação do equipamento e treinou cuidadosamente o pessoal segundo os métodos que trouxera da Europa, inaugurando o estabelecimento em março de 1931.

Durante sua gestão, este foi no consenso geral exemplar sob todos os pontos de vista, sendo certo que o Governo de Minas Gerais conseguiu graças a isto o seu desiderato, que era ter um balneário equivalente aos da Europa. A tarefa não foi fácil, inclusive por causa das resistências internas por parte de elementos de um pessoal habituado a outros métodos e critérios, bem como devido à campanha que lhe moveram alguns médicos locais, que ele desdenhou, sem se afastar uma linha do dever e dos termos do contrato.

Contudo, Aristides de Mello e Souza era homem de cumprir o dever sem medir conseqüências nem descer a retaliações. A sua atitude foi sempre de rigor sereno, e deste modo realizou o que o seu compromisso prescrevia.

Em fins de 1934, terminou o seu contrato e ele passou, no ano seguinte, a Médico da Estância, encarregado apenas da direção clínica e podendo retornar à clínica privada, à qual se dedicou exclusivamente a partir de 1936, quando os seus serviços foram dispensados. Neste ano, foi demitido por Benedito Valadares, num ato que ele fez questão de aguardar, a fim de deixar patente o arbítrio e a visão subalterna que ele via no político mineiro.

Aristides de Mello clinicou até meados de 1941 no consultório e, caindo doente, foi para São Paulo tratar-se, falecendo em 1942.

Para compreender a sua atividade construtiva em Poços de Caldas, é preciso saber que além de médico competente era administrador capaz, sabendo conciliar a firmeza do mando com a urbanidade e o senso de justiça. Isso não o livrou, é claro, de incompreensões e reações mais ou menos violentas, inclusive uma tentativa contra a sua vida.

Hoje que o tratamento pelas águas minerais saiu de moda, não se pode avaliar a importância que lhe era dada nem o cuidado científico com que era cercado. Segundo escreveu Antonio de Oliveira Frabrino, em 1950:

Quanto às grandes Termas Antônio Carlos, podemos afirmar seguramente, depois de uma atenta visita a dezenas de estabelecimentos europeus, que é das melhores que já vimos.

E a nossa impressão é de que o seu funcionamento, bem articulado ao tempo do saudoso e ilustrado crenologista que foi o Dr. Aristides de Mello e Souza, continua prestando ótimos serviços sob a direção atual.

5. Escritor

Além de sua Tese de Doutorado, Aristides de Mello e Souza escreveu diversos opúsculos e artigos médicos, em jornais e revistas brasileiras e estrangeiras, destacadamente em francês, inglês e espanhol.

Também publicou o livro “Estudos de Crenologia”, tendo como subtítulo “Águas Minerais e Sulfurosas”, composto e impresso na Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, em São Paulo, à rua Xavier de Toledo, 72, em fevereiro e 1936. No prefácio desta obra, escreveu:

Resulta o presente volume de uma condição pessoal: médico clínico, afeito aos estudos, e à prática da medicina clínica, em que me iniciei sob os ensinamentos de Miguel Pereira, mantive-me fiel às normas clássicas, que do Mestre recebera, até o dia em que assumi o compromisso de organizar e dirigir os estabelecimentos termais de Poços de Caldas, por delegação do Presidente Antonio Carlos, quando, à frente do governo mineiro, cuidou de remodelar e modernizar a nossa estância hidro-sulfurosa. Assuntos novos para meu entendimento teórico e prático.

A leitura e a reflexão, a observação e a experiência, o estudo aturado da água medicinal e de suas aplicações, pouco a pouco anotados e coordenados, foram enchendo páginas e páginas até formarem volume, cuja publicação me parece útil: poderá poupar a muitos dificuldades que tive de vencer sozinho.

Se alguém houver que leve até o fim sua leitura, verificará ser parte de obra mais extensa, em elaboração. Esta é uma parte a bem dizer preliminar. Virão mais tarde as questões que mais de perto interessam ao médico clínico.

Com o que aqui está, já posso responder a algum estudioso que de quando em vêz me interpela sobre pontos diversos destes escritos, cujo maior

mérito será sem dúvida a metodização de valiosos dados sobre águas sulfurosas e especialmente sobre as de Poços de Caldas.

O título – Estudos de Cronologia – não precisa de esclarecer-se a quem se ocupa com águas minerais, mas poderá ser obscuro para um ou outro dos raros leitores deste trabalho.

Crenoterapia é palavra, criada por Landouzy, para designar a terapêutica pelas águas minerais. Em seguida, propôs Lamarque: Crenologia e Crenografia. Derivam-se de crene – fonte. São neologismos que tiveram fácil entrada e aceitação em diversos países, entre os quais o nosso. Em lugar de hidrologia médica, diz-se mais simplesmente: crenologia.

Com semelhantes bases etimológicas adotaremos crenogênese – origem das fontes termais, donde a expressão – teorias crenogênicas, que se lerá no texto da Segunda Parte. Balneologia, dos germânicos, comporta significado mais amplo, abrangendo a hidroterapia e toda espécie de banho. Para traduzir crenologia, empregariam os alemães – Quellenlehre.

Muitas das idéias aqui versadas dizem respeito a qualquer água mineral, mais particularmente às sulfurosas.

Os estudos das águas de Poços de Caldas, que, pelos motivos expostos, tive de empreender com afínco e continuidade, obrigaram a comparações; a dilatar limites convencionais; a invadir domínios conexos, inseparáveis; donde um entrelaçamento de fatos que bem exemplifica a relação unitiva de todos os fenômenos naturais.

Poderá ser tido este opúsculo como assinalamento de uma etapa: condensa ele esforços de vários investigadores a lavrar determinado campo termo-mineral, com a maneira e os instrumentos que faculta um estádio de nossa evolução identifica. Mas nós marchamos para a frente.

O entusiasmo que hoje se sente neste setor ainda embrionário da nossa cultura dá a perceber um próximo porvir de frutíferos resultados. Não se protele a crença dos meios de estudo e de pesquisa, e os crenologistas brasileiros futuro dirão ao mundo alguma palavra original.

Nós, que não podemos ter tal ventura, nos contentamos com examinar e refletir o que vem fazendo o mundo hidrologia médica, projetando sobre nós mesmos a luz que de fora nos vem como incentivo para os tentamens momento.

Neste livro, Dr. Aristides descreveu temperaturas, densidades e composições das águas, e as indicações terapêuticas para a pele, sistemas nervoso e linfático, anemia, reumatismo, sífilis, cárie e úlceras.

Quando de sua segunda estadia na Europa, passou a se concentrar na Reumatologia, que se tornou o seu ramo principal de estudo e trabalho. Quando morreu, deixou inacabado o manuscrito de uma obra a respeito.

Dr. Aristides de Mello e Souza era membro da “International Society of Medical Hydrology”, com sede em Londres.

Naquele tempo a medicina científica ainda estava evoluindo, de tal maneira que os médicos eram levados a especular sobre problemas mais amplos, procurando respostas nas chamadas humanidades.

Tinha, portanto, uma grande cultura humanística, refletida na excelente biblioteca que reuniu, com obras de filosofia, literatura, história e assuntos político-sociais.

Um de seus projetos intelectuais mais caros era escrever, depois de retirado da profissão, um estudo acerca do mito do eterno retorno nas obras de Dostoiévski e Nietzsche, relativo à teoria física da entropia.

6. Família

Dr. Aristides de Mello e Souza conheceu sua esposa, Dona Clarisse Tolentino, nas freqüentes visitas que fazia à residência do Professor Miguel Pereira, uma vez que este era casado com a irmã mais velha da mesma.

Quando pediu a mão de Dona Clarisse em casamento, a sogra interrogou o genro que fez ótimas referências sobre o discípulo.

Assim que conseguiu estabilizar-se financeiramente, casou em 23 de janeiro de 1917, na Igreja de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, no Rio de Janeiro.

Sua esposa nasceu no dia 12 de dezembro de 1893, em Poços de Caldas, e era filha de Dona Laura Carneiro de Mendonça e do Dr. José de Carvalho Tolentino, médico do Rio de Janeiro, que a partir de 1883 foi um dos maiores acionistas e por duas vezes diretor da empresa que transformou Poços de Caldas em estância termal no fim do século XIX, tendo atuado de maneira decisiva na construção do primeiro balneário da cidade, inaugurado em 1886, e do segundo, inaugurado em 1896.

Dona Clarice foi uma mulher culta, que durante a mocidade foi interna no Colégio “Regina Coeli”, das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, na Tijuca, Rio de Janeiro.

Assim que se instalaram em Poços de Caldas, no dia 9 de janeiro de 1930, passaram a residir em uma casa construída em 1915, magnificamente mobiliada, em cuja fachada havia diversas imitações de madeira, feitas em cimento, da mesma forma que outras existentes na cidade de Caxambu, também sul de Minas Gerais, obras do mestre “Chico Cascateiro”.

Os filhos nasceram e cresceram entre livros, e Poços de Caldas contribuiu de maneira ponderável neste setor, porque tinha uma livraria excelente, estabelecida pelo italiano Ugo Scalabrino, e que depois recebeu o nome de “Vida Social”.

Dr. Aristides e Dona Clarice eram cultos e dedicados à formação mental dos filhos, criando um ambiente com uma densidade cultural mais ampla que a dos lugares onde viviam, sendo os livros uma espécie de símbolo das qualidades que prezavam, independente do lugar onde estivessem.

Criaram os filhos em um ambiente saturado de cultura onde o estudo tinha lugar privilegiado, estimulando sempre o saber como patrimônio principal.

Falando constantemente de suas leituras, de pintura, de música e de sua experiência nos grandes centros onde tinha estado, o dr. Aristides costumava ler e explicar para os filhos, todas as noites, depois do jantar, certos textos em português ou francês que julgava oportunos, como “Os Sertões”, cuja primeira edição possuía, comprada na Casa “Genoud”, de Campinas.

7. Falecimento

Aristides de Mello e Souza adoeceu em 1941, transferindo-se em agosto para a cidade de São Paulo, onde ficou hospedado na rua Goiás, número 9, em Higienópolis, na casa de seu concunhado Miguel Covello Júnior, médico fisiologista, na qual moravam os seus filhos.

Apesar de todo o empenho dos colegas médicos, faleceu no dia 31 de março de 1942, devido a uma endocardite bacteriana.

Seu sepultamento foi realizado no dia seguinte, às 13 horas, saindo o féretro da rua Goiás, em direção ao Cemitério “São Paulo”.

Seus livros de medicina e coleção de revistas médicas foram doados por sua esposa, em 1960, para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Dona Clarisse conservou a casa da família, situada na antiga Rua Sergipe, atual rua Capitão Afonso Junqueira, esquina da rua Rio Grande do Norte, e nela passou longas temporadas até sua morte, ocorrida no dia 5 de agosto de 1961.

Os filhos continuaram a freqüentar a residência, vendida em 1989 depois de ter abrigado a família por quase sessenta anos.

Após o falecimento de Dona Clarisse Tolentino de Mello e Souza, seus filhos doaram cerca de 800 livros, muitos dos quais lhe haviam pertencido, à Faculdade de Filosofia de Poços de Caldas, atualmente vinculada à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

8. Homenagens

Uma justa homenagem que o Dr. Aristides de Mello e Souza recebeu do poder público foi quando a Prefeitura Municipal de Poços de Caldas atribuiu seu nome a uma das vias públicas da cidade.

Em 1989, Antonio Cândido, Miguel e Roberto de Mello e Souza doaram 3.528 livros à Biblioteca Central da Universidade de Campinas (Unicamp), mediante o pedido de que a coleção ganhasse o nome do pai.

Teve também seu trabalho reconhecido com a inauguração do “Museu do Termalismo Dr. Aristides de Mello e Souza”, instituído oficialmente em 5 de novembro de 1991, composto de equipamentos, aparelhos, peças e materiais que, no início do século XX, foram usados com freqüência e intensidade, beneficiando a população que procurava Poços de Caldas para amenizar seus sofrimentos.



Dr. Aristides de Mello e Souza

9. Genealogia de Aristides de Mello e Souza

§ 1º

- I - ARISTIDES CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA, médico, nascido em Cássia, MG, no dia 20 de setembro de 1885, e falecido em São Paulo, SP, no dia 31 de março de 1942. Casou-se no Rio de Janeiro, RJ, no dia 23 de janeiro de 1917, com CLARISSE DE CARVALHO TOLENTINO, prendas domésticas, nascida em Poços de Caldas, MG, no dia 12 de dezembro de 1893, e falecida em São Paulo, SP, no dia 6 de agosto de 1961. Pais de:
- 1 (II) - ANTONIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA, que segue.
 - 2 (II) - MIGUEL ANTONIO DE MELLO E SOUZA, desenhista, nascido no dia 20 de junho de 1920, no Rio de Janeiro, RJ, onde faleceu no dia 12 de julho de 2006. Solteiro.
 - 3 (II) - ROBERTO ANTONIO DE MELLO E SOUZA, que segue no § 5º.
- II - ANTONIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA, crítico literário, professor universitário e escritor, nascido no Rio de Janeiro, RJ, no dia 24 de julho de 1918. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 20 de dezembro de 1943, com GILDA DE MORAES ROCHA, professora universitária, nascida no dia 24 de março de 1919, em São Paulo, SP, onde faleceu no dia 25 de dezembro de 2005. Pais de:
- 1 (III) - ANA LUIZA DE MELLO E SOUZA, que segue.
 - 2 (III) - LAURA DE MELLO E SOUZA, que segue no § 2º.
 - 3 (III) - MARINA DE MELLO E SOUZA, que segue no § 4º.
- III - ANA LUISA DE MELLO E SOUZA, designer e editora, nascida em São Paulo, SP, no dia 27 de setembro de 1944. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 3 de fevereiro de 1968, com EDUARDO ESCOREL DE MORAES, cineasta, nascido em São Paulo, SP, no dia 19 de junho de 1945. Pais de:
- 1 (IV) - CLARISSE ESCOREL DE MORAES, que segue.
 - 2 (IV) - LAURA ESCOREL DE MORAES, designer, nascida no Rio de Janeiro, RJ, no dia 6 de dezembro de 1975.
- IV - CLARISSE ESCOREL DE MORAES, advogada, nascida no Rio de Janeiro, RJ, no dia 22 de julho de 1972. Casou-se no Rio de Janeiro, RJ, no dia 25 de junho de 2005, com JOÃO LUCAS DA COSTA RIBEIRO, engenheiro, nascido no Rio de Janeiro, RJ, no dia 26 de setembro de 1971. Pais de:
- 1 (V) - ANTONIO CÂNDIDO DA COSTA RIBEIRO, nascido no Rio de Janeiro, RJ, no dia 31 de julho de 2007.

§ 2º

- III - LAURA DE MELLO E SOUZA (filha de Antonio Cândido de Mello e Souza, do § 1º nº II), professora universitária, nascida em São Paulo, SP, no dia 2 de janeiro de 1953. Casou-se em primeiras núpcias em São Paulo, SP, no dia 24 de agosto de 1972, com CARLOS PEREIRA DE CAMPOS VERGUEIRO, músico, nascido em São Paulo, SP, no dia 29 de março de 1952. Divorciados. Pais de:
- 1 (IV) - DORA DE CAMPOS VERGUEIRO, que segue.
 - 2 (IV) - MARIA CLARA DE CAMPOS VERGUEIRO, que segue no § 3º.
- IV - DORA DE CAMPOS VERGUEIRO, jornalista, nascida em São Paulo, SP, no dia 5 de junho de 1976. Casou-se em Tatuí, SP, no dia 14 de setembro de 2002, com GUSTAVO MARCOLINI, jornalista, nascido no Rio de Janeiro, RJ, no dia 2 de outubro de 1970. Pais de:
- 1 (V) - CATARINA VERGUEIRO MARCOLINI, nascida no Rio de Janeiro, RJ, no dia 18 de janeiro de 2003.

§ 3º

- IV - MARIA CLARA DE CAMPOS VERGUEIRO (filha de Laura de Mello e Souza, do § 2º nº III), jornalista, nascida em São Paulo, SP, no dia 9 de novembro de 1980. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 19 de agosto de 2004, com JOÃO FELIPE MARTINS ARAÚJO, cineasta, nascido em São Paulo, SP, no dia 31 de outubro de 1970. Pais de:
- 1 (V) - ISABEL VERGUEIRO DE ARAÚJO, nascida em São Paulo, SP, no dia 22 de outubro de 2005.

§ 2º

- III - LAURA DE MELLO E SOUZA casou-se em segundas núpcias em São Paulo, SP, no dia 14 de maio de 1987, com MAURÍCIO ACIOLI NEVES, securitário, nascido em Recife, PE, no dia 29 de abril de 1947. Pais de:
- 1 (IV) - TERESA MOURA NEVES, nascida em São Paulo, SP, no dia 11 de janeiro de 1991.

§ 4º

- III - MARINA DE MELLO E SOUZA (filha de Antonio Cândido de Mello e Souza, do § 1º nº II), professora universitária, nascida em São Paulo, SP, no dia 25 de agosto de 1957. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 1º de julho de 1977, com LAURO ESCOREL DE MORAES FILHO, cineasta, nascido em Washington, Estados Unidos da América, no dia 5 de janeiro de 1950. Pais de:
- 1 (IV) - ANTONIO ESCOREL DE MORAES, designer, nascido no Rio de Janeiro, RJ, no dia 3 de outubro de 1980.

- 2 (IV) - ELISA ESCOREL DE MORAES, nascida no Rio de Janeiro, RJ, no dia 13 de fevereiro de 1982.

§ 5º

- II - ROBERTO ANTONIO DE MELLO E SOUZA (filho de Aristides Cândido de Mello e Souza, do § 1º nº I), consultor de empresas e escritor, nascido no dia 1º de outubro de 1921, no Rio de Janeiro, RJ, e falecido em São Paulo, SP, no dia 18 de junho de 2007. Casou-se em São Paulo, SP no dia 11 de setembro de 1948, com VERA DE FREITAS VALLE OLIVEIRA, tradutora, nascida em São Paulo, SP, no dia 16 de junho de 1928. Pais de:

- 1 (III) - FERNANDA DE MELLO E SOUZA, que segue no § 6º.
- 2 (III) - JOÃO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA, que segue.
- 3 (III) - SUZANA DE MELLO E SOUZA, que segue no § 7º.
- 4 (III) - MARTA DE MELLO E SOUZA, editora, nascida em São Paulo, SP, no dia 8 de janeiro de 1959. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 24 de agosto de 1997, com LUCIANO RAMALHO, consultor, nascido em Recife, PE, no dia 11 de dezembro de 1963. Sem descendentes.

- III - JOÃO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA, comerciante, nascido em São Paulo, SP, no dia 21 de abril de 1951. Casou-se em Bauru, SP, no dia 15 de setembro de 1990, com MARIA REGINA TAVARES, psicanalista, nascida em Bauru, SP, no dia 10 de setembro de 1952. Pais de:

- 1 (IV) - MARÍLIA DE MELLO E SOUZA, nascida em São Paulo, SP, no dia 28 de agosto de 1992.

§ 6º

- III - FERNANDA DE MELLO E SOUZA (filha de Roberto Antonio de Mello e Souza, do § 5º nº II), psicóloga, nascida em São Paulo, SP, no dia 19 de dezembro de 1949. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 13 de dezembro de 1974, com IVAN CARLOS MADUENO SILVA, engenheiro civil, nascido em São Paulo, SP, no dia 3 de junho de 1950, e falecido em Bauru, SP, no dia 8 de fevereiro de 1979. Pais de:

- 1 (IV) - THIAGO MADUENO SILVA, engenheiro mecânico, nascido em São Paulo, SP, no dia 15 de dezembro de 1976.
- 2 (IV) - ALICE MADUENO SILVA, formada em moda, nascida em São Paulo, SP, no dia 31 de agosto de 1979.

§ 7º

- III - SUZANA DE MELLO E SOUZA (filha de Roberto Antonio de Mello e Souza, do § 5º nº II), artista plástica, nascida em São Paulo, SP, no dia 26

de setembro de 1953. Casou-se em São Paulo, SP, no dia 13 de dezembro de 1974, com JAIRO DE MORAES BARROS FILHO, empresário, nascido em Garça, SP, no dia 12 de fevereiro de 1948. Pais de:

- 1 (IV) - André Moraes Barros, produtor de eventos, nascido em São Paulo, SP, no dia 9 de novembro de 1976.
- 2 (IV) - Rodrigo Moraes Barros, estudante de hotelaria e comerciante, nascido em São Paulo, SP, no dia 14 de abril de 1980.
- 3 (IV) - Flora Moraes Barros, nascida em São Paulo, SP, no dia 10 de outubro de 1988.

10. Agradecimentos

Os mais sinceros agradecimentos ao professor Antonio Cândido de Mello e Souza que forneceu grande parte das informações e materiais que permitiram elaborar este texto.

11. Referências Bibliográficas

- FABRINO, Antonio de Oliveira. **Aspectos da Crenoterapia na Europa e no Brasil**. Rio de Janeiro: Comissão Permanente de Crenologia – Departamento Nacional da Produção Mineral, 1950.
- MELLO, Aristides. **Novos signaes das hemiplegias orgânicas**: These. Rio de Janeiro: Pap. Modelo – José Ayres & Chaves, 1911.
- MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1974.
- PAULA, Carlos F. de. **Culto à Ciência**: Colégio – Ginásio e Colégio Estadual. Campinas: Monografia Histórica, 1946.
- PEDROSA, Manoel Xavier de Vasconcellos. A vida de Miguel Pereira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 218, janeiro-março 1953.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- SOUZA, Antonio Cândido de Mello. Um Centenário. **A Vanguarda**, Cássia: 1º de dezembro de 1985.
- SOUZA, Aristides de Mello. **Estudos de Crenologia**. São Paulo: Empresa Graphica da “Revista dos Tribunais”, 1936.